

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

PORTO ALEGRE: ENTRE O CONHECIDO E O DESCONHECIDO

ANGÉLICA ALARCÓN TORRES

**PORTO ALEGRE
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Especialização em Pedagogia da
Arte como requisito parcial à obtenção do
título de Especialista em Pedagogia da Arte.
Orientador: PROF. DR. SERGIO LULKIN

ANGELICA ALARCÓN TORRES

**PORTO ALEGRE
2008**

DEDICATÓRIA

A meus pais Álvaro e Teresa, pelo amor e a fortaleza que todos os dias me transmitem. A meu tio Miguel Angel por acreditar em meus projetos e sempre me apoiar. A meus queridos irmãos Sandra e Miguel Angel pela cumplicidade com que sempre contei. A meus sobrinhos Santiago, Isabella e Juan Andrés, meus grandes amores e minha inspiração. O Alexander meu amor amigo e parceiro que esteve o meu lado nesta nova caminhada.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao professor Doutor Sergio Lulkin, meu orientador, pelo apoio e paciência com que contei.

Agradeço ao curso de especialização em pedagogia da arte e especialmente ao coordenador Doutor Gilberto Icle pela acolhida confiança e apoio ao permitir fazer parte da à primeira turma do curso.

Agradeço aos professores de quem aprendi muito. Obrigada por fazer das noites de aulas cheias de boas discussões.

Agradeço a todos meus colegas especialmente a Patriciane, Renata, Beatriz, Ada, Mônica, Pedro e Rogério Amaral porque sempre estarão na lembrança perene desta bela experiência.

Agradeço a meus amigos Diana e Claudio pela ajuda nesta última fase do trabalho e pelas amenas conversas sempre ao calor de um chimarrão, “bem gaúcho mesmo”.

"La percepción del mundo es la única maravilla distinta para cada uno de nosotros y aquella de la que seguramente somos menos conscientes"

Pedro Zarraluki,

RESUMO

Esta pesquisa surge de minha incerteza como estrangeira ao tentar localizar-me nesta cidade que não parece seguir o típico modelo reticular urbanístico espanhol que se pode encontrar em cidades como Bogotá, Buenos Aires, Quito ou Lima. Partindo dessa inquietude concentrei-me no centro histórico de Porto Alegre, por ser o lugar de referência de todo cidadão e o ponto de convergência do poder político, econômico, religioso e social, interrogando o cidadão porto alegreense sobre aqueles lugares (ruas, praças, parques, prédios, esculturas) que se encontram mais presentes em sua memória e sobre aqueles lugares menos familiares. Utilizando o método empírico de observação científica, a pesquisa foi planejada em quatro fases. Em uma primeira fase, de caráter exploratório, realizou-se uma visita ao centro da cidade para recolher todos os elementos que constituem o centro histórico. Na segunda fase, o trabalho encarregou-se de três núcleos: o núcleo da Praça Matriz ou Praça Marechal Deodoro, o núcleo da Praça de Alfândega e o núcleo da praça XV de novembro ou Praça Montevideu, realizando um registro fotográfico e identificação de cada lugar. Na terceira fase, aplicou-se um questionário a cinquenta pessoas que foram questionadas sobre os lugares conhecidos, preferidos e desconhecidos, com o fim de valorizar a visão estética e cultural que tem o cidadão porto alegreense sobre sua própria cidade. A pesquisa utiliza referenciais teóricos como Walter Benjamin (2007), Giulio Carlo Argan (2004), entre outros, que permitem uma percepção da cidade com perspectivas estéticas, simbólicas e históricas.

Palavras-chave: Centro histórico, memória, identidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. HISTÓRICO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE	12
1.1 PLANEJAMENTO URBANO	14
2. CENTRO HISTÓRICO	18
2.1 NÚCLEO DA PRAÇA MATRIZ OU PRAÇA MARECHAL DEODORO	20
2.1.1. Palácio Farroupilha	20
2.1.2. Palácio Piratini.....	21
2.1.3. Theatro São Pedro.....	21
2.1.4. Catedral Metropolitana.....	22
2.1.5. Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.....	23
2.1.6. Monumento a Júlio de Castilhos	24
2.2. NÚCLEO DA PRAÇA DE ALFÂNDEGA.....	25
2.2.1. Museu de Artes do Grande do Sul - MARGS	26
2.2.2. Santander Cultural	27
2.2.3. Casa de Cultura Mario Quintana	28
2.3 NÚCLEO DA PRAÇA XV DE NOVEMBRO.....	29
2.3.1. Largo Glênio Peres.....	30
2.3.2. Mercado Público Municipal	30
2.3.3. Chalé da Praça XV	31
2.4 PRAÇA MONTEVIDÉU	32
2.4.1. Prefeitura Municipal de Porto Alegre.....	33

2.4.2. Fonte Talavera de la Reina	33
3. MINHAS IMPRESÕES	35
4. O QUE PENSAM OS PORTO-ALEGRENSES?	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	43

LISTA DE FIGURAS

- FIG 01- Caminho Praça Matriz
- FIG 02-Theatro São Pedro
- FIG 03-Catedral Metropolitana
- FIG 04-Biblioteca Pública Estadual
- FIG 05- Monumento a Julho de Castilhos
- FIG 06- Praça de Alfândega
- FIG 07- MARGS
- FIG 08- Santander Cultural
- FIG 09- Casa de Cultura Mario Quintana
- FIG 10- Praça XV de Novembro
- FIG 11- Mercado Público
- FIG 12- Chalé da Praça XV

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma vivência que inicia ao chegar a Porto Alegre quando fazendo turismo pela cidade olhando seus monumentos, praças, parques, ruas e todo o que acontecia a meu redor comecei a interrogar-me se os portos alegrenses levados pela agitação da modernidade e pelo dia a dia do cotidiano caminhavam sem olhar seu entorno. Para isso, fiz um questionário de nove perguntas aplicadas a cinqüenta pessoas.

Foi assim, como utilizei o método do *flanerie* proposto por Walter Benjamin, que consistiu em caminhar pela cidade olhando as pequenas coisas na captura de instantes, cores, sombras e convidando as pessoas a mudar o modo de olhar pela observação, dando um passeio como se todo o que contém a cidade fossem as peças de um museu.

O trabalho concentra seu objeto no centro histórico da cidade que para os fines da pesquisa foi dividido em quatro núcleos principais, tentando em cada caso dar conta dos monumentos e as esculturas que os compõem. Tais núcleos foram: Praça Marechal Deodoro, Praça de Alfândega, Praça XV de novembro e a Praça Montevideú.

Além disso, conto às impressões que tive com minhas caminhadas pelo centro da cidade e finalmente o resultado do questionário sobre o que conhecem e desconhecem os porto alegrenses de sua própria cidade.

Finalmente, formulo algumas considerações produto da reflexão teórica e empírica, tentando desta forma oferecer um diagnóstico que possa ser empregado por futuras pesquisas e também tentando justificar a necessidade de políticas públicas em termos de proteção e conservação do patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre.

1. HISTÓRICO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

O atual Porto Alegre foi chamado no século XVIII como Porto da Viamão. Como ainda não existia um centro urbano, os estancieiros da região aproveitavam o Guaíba como meio de comunicação com Rio Grande e Rio Pardo. Em 1740, a área foi concedida como sesmaria a Jerônimo de Ornelas, português nascido na ilha da Madeira e que estava instalado ali desde 1732. Em decorrência, o porto passou a ser chamado de "Porto do Dorneles". De acordo com o historiador Walter Spalding, o porto propriamente dito ficava na foz de um pequeno riacho, onde atualmente está localizada a Ponte de Pedra do Largo dos Açorianos. Nessa mesma época, o governo português incentivou a vinda de casais açorianos à região, com o intuito de resolver dois problemas: o primeiro era o superpovoamento das ilhas dos Açores, e o segundo era assentar a dominação portuguesa no sul do Brasil, região ameaçada pelas colônias espanholas do sul e oeste do continente sul-americano. Assim, em 1752 chegou à primeira leva de casais açorianos, que se instalaram no então Porto de Dorneles e serviram de ponto de apoio aos novos casais imigrantes que chegavam para se instalar em outras regiões do Rio Grande do Sul. Com essa leva de casais, o porto passou a ser conhecido como o "Porto dos Casais". (Doberstein, 1992)

Em 1763, com a invasão espanhola da cidade de Rio Grande, então capital do Estado, a sede do governo acabou por ser transferida para Viamão, cidade adjacente ao Porto dos Casais. Com o desenvolvimento do porto e sua posição estratégica à beira do rio Guaíba, o governador da época, José Marcelino de Figueiredo, resolveu transferir a capital de Viamão para Porto dos

Casais em 1773, trocando nessa ocasião o nome para Porto Alegre. A antiga colônia açoriana, além de centro administrativo, virou área militar. Paliçadas de madeira foram construídas em torno da cidade, no lado oposto ao rio, nas proximidades do Hospital da Santa Casa. As estreitas ruas da Porto Alegre colonial foram projetadas como um labirinto, possuindo nítido caráter defensivo. (Doberstein, 1992)

O príncipe Dom João elevou a capital da capitania à categoria de vila, e o decreto oficial ocorreu em 11 de dezembro de 1810, quando a Câmara Municipal lavrou o "auto de criação da Vila de Porto Alegre". E no dia 13 do mesmo mês foi lavrado o "auto de demarcação e declaração dos limites que ficaram pertencendo a Vila de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre". (Doberstein, 1992)

Pela Carta de Lei, de 14 de novembro de 1821, o imperador D. Pedro I elevou Porto Alegre à categoria de cidade. Nessa época a população era de doze mil habitantes.

Em 1835 inicia-se no Rio Grande do Sul uma das maiores guerras já travadas em território brasileiro, a Revolução Farroupilha. Mesmo fortificada, Porto Alegre foi invadida, sendo retomada no ano seguinte pelos Imperiais. A partir de então, a cidade sofreria três intermináveis cercos até o ano de 1838. Foi à resistência a esses cercos que fez D. Pedro II dar à cidade o título de "Mui Leal e Valerosa". (Spalding, 1975).

A guerra não impediu que fosse construído o primeiro Mercado Público, organizando o comércio nas áreas centrais. Apesar do inchaço populacional daqueles tempos, a malha urbana só voltaria a crescer em 1845, após o fim da revolução e da derrubada das muralhas que cercavam a cidade. A partir de então, chegaram à cidade os primeiros imigrantes alemães e italianos, instalando restaurantes, pensões, pequenas manufaturas, olarias, alambiques e diversos estabelecimentos comerciais. (Spalding, 1975).

No período de 1865 a 1870, a Guerra do Paraguai transforma a capital gaúcha na cidade mais próxima do teatro de operações. A cidade recebe dinheiro do governo central, além de serviço telegráfico, novos estaleiros, quartéis, melhorias na área portuária, além da construção do primeiro andar do novo Mercado Público. Em 1872, as primeiras linhas de bonde entram em circulação na cidade. (Spalding, 1975).

Em 1884 decreta a libertação de seus escravos, quatro anos antes da Lei Áurea. No fim do século XIX e início do século XX, período em que a cidade já contava com cerca de setenta mil habitantes, intensas obras de melhoria são realizadas, como instalação de eletricidade, rede de esgotos, transporte elétrico, água encanada, hospitais, ambulância, telefonia e indústrias. Também foram instaladas as primeiras instituições de ensino superior do estado: as faculdades de Farmácia e Química em 1895, de Engenharia em 1896, de Medicina em 1898 e de Direito em 1900. Elas deram origem à atual UFRGS. (Franco, 1988).

1.1 PLANEJAMENTO URBANO

No início do século XX surgiu a primeira tentativa de organizar o crescimento da cidade com o arquiteto João Moreira Maciel propondo o "Plano Geral de Melhoramentos", em 1914. Apesar de ser um plano viário, estabelecia a necessidade de criação de vias de acesso suficientemente amplas que desafogassem o tráfego do Centro para a periferia e vice-versa. Assim, foram projetadas as avenidas Júlio de Castilhos, Otávio Rocha e Borges de Medeiros (na altura da Coronel Genuíno) e a primeira ponte sobre o Arroio Dilúvio. Muitas de suas idéias influenciaram os planos elaborados posteriormente e acabaram sendo executadas.

A segunda tentativa de planificar a cidade ocorreu, no período entre 1935 e 1937, com estudos realizados por Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Farias. O trabalho, denominado "As Linhas Gerais do Plano Diretor

- Contribuição ao Estudo de Urbanização de Porto Alegre" partia do plano elaborado por Maciel e voltava-se, também, para as questões viárias. Os dois urbanistas trabalharam, por exemplo, na elaboração do traçado definitivo da Avenida Farrapos e destacaram, dentre outras questões importantes, a necessidade de construção de um túnel sob a Avenida Independência. Esta intenção deu origem - quase 40 anos mais tarde - aos estudos que resultaram na construção do complexo do túnel e elevadas da Conceição. Também foram estes urbanistas que planejaram o sistema de radiais e perimetrais para a cidade.

Em 1938, o urbanista Arnaldo Gladosch foi contratado para elaborar um Plano Diretor para Porto Alegre. Um ano depois, foi criado o Conselho do Plano Diretor (que atua até os dias de hoje), para o qual o arquiteto apresentava suas idéias. O chamado Plano Gladosch, embora já destacasse a necessidade do "zoneamento" da cidade, resultou numa proposta essencialmente viária. Três estudos chegaram a ser apresentados, mas não foi ainda desta vez que a Capital gaúcha passou a contar com um Plano Diretor.

Outro passo importante foi dado em 1942, quando Edvaldo Paiva deu início à elaboração do chamado "Expediente Urbano de Porto Alegre", que resultou numa completa radiografia da cidade. Cerca de 10 anos mais tarde, Paiva e Demétrio Ribeiro organizaram um anteprojeto de planificação que foi inovador para a época, pois fixava normas a serem seguidas pelas quatro funções urbanas: *habitação, trabalho, lazer e circulação*. Pela primeira vez houve preocupação em sugerir um esquema de zoneamento onde as áreas residenciais eram divididas em unidades de habitação e onde constavam as áreas industriais e comerciais. Embora transformado em lei no dia 30 de dezembro de 1959 (Lei 2046), o Plano acabou sendo alterado pela Lei 2330, de 1961, quando entrou em vigor. A área física do Município coincidia, na época, com a superfície mais habitada da cidade, onde era mais urgente a regulamentação. Seus limites eram as avenidas Sertório, D. Pedro II, Carlos Gomes, Salvador França, Aparício Borges e Teresópolis.

O chamado 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1º PDDU) entrou em vigor em 21 de julho de 1979. Nele todo o conjunto de normas, até então esparsas no âmbito do Município, foi consolidado em um único texto legal. Também pela primeira vez o planejamento atingiu toda a área municipal, definido-se as zonas urbana e rural, com a primeira sendo dividida em partes de uso intensivo e extensivo. Também como novidade, o 1º PDDU introduziu, ainda que de forma bastante restrita, a participação comunitária no processo de planejamento.

Pela proposta, a área urbana de uso extensivo foi estendida fisicamente sobre a parte onde a legislação anterior havia definido como urbana, destacando a preservação paisagística e ambiental de forma a evidenciar os elementos naturais. Já a zona urbana intensiva foi dividida em setores denominados de Unidades Territoriais de Planejamento (UTPs), classificados segundo tendências de uso e ocupação do solo. Assim, o regime urbanístico e os dispositivos de controle das edificações foram definidos como consequência da ocupação prevista para cada setor (Unidades Territoriais, residenciais, Mistas, de Comércio/ Serviços e Industriais). Também foram criadas as chamadas Unidades Territoriais Funcionais para áreas de natureza especial e que deveriam, por esta razão, contar com um regime urbanístico próprio (valor histórico cultural, de valor paisagístico etc).

O 1º PDDU permaneceu em vigor por 20 anos. Neste período, pela falta de atualizações periódicas, acabou ocorrendo um distanciamento entre algumas de suas propostas e a realidade da cidade. O plano atualmente em vigor na cidade é a Lei Complementar 434/99 (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental - PDDUA).

A Lei complementar nº 434 Dispõe sobre o desenvolvimento urbano no Município de Porto Alegre, institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre e dá outras providências está composto de IV partes a primeira fala sobre o desenvolvimento urbano ambiental, a segunda parte sobre o sistema de planejamento, a terceira sobre os Instrumentos do PDDUA

e a quarta e última fala sobre os Instrumentos de Regulação para a Intervenção no solo.

2. CENTRO HISTÓRICO

É assim como dentro da mesma cidade de Porto Alegre se observa como a construção de praças, parques e prédios é o resultado da mistura entre história e arquitetura que a mostra como um grande museu aberto, onde a cidade é testemunho da memória, valores e, é, portanto, objeto e fato artístico. Uma mostra daquilo se encontra principalmente no centro da cidade onde construções antigas e modernas conversam entre elas; esta zona passou a ser denominada oficialmente – conf. Lei Mun.10364/08, elaborada pelo COMPAHC- Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural: “Centro Histórico”.

Giulio Carlo Argan (2004), fala da leitura da cidade como uma relação entre objeto, arte e cidade, onde a obra de arte determina um espaço urbano: “o que a produz é a necessidade para quem vive e opera no espaço, de representar para si de uma forma autêntica ou distorcida a situação espacial em que opera” (Argan, p. 74, 2004). Ele vê a obra de arte como determinante de um espaço urbano e o espaço urbano como uma forma ampla, que parte de um todo que abrange desde o quarto de dormir até a zona rural. Onde não deve haver uma separação entre zona urbana e zona rural, como também entre zona “histórica” e zona “moderna”, afinal todos estes espaços vistos como um todo constrói a cidade. Existe uma arte do relacionamento dos fatos urbanos, que ao todo e juntos, formam o ambiente urbano. Fatos urbanos são todo e qualquer tipo de arte, “(...) todavia uma cidade não é apenas produto das técnicas de construção. As técnicas da madeira, do metal, da tecelagem, etc. também concorrem para determinar a realidade visível da cidade, ou

melhor, para visualizar os diferentes existenciais da cidade” (Argan, p. 75, 2004).

O centro histórico de Porto Alegre se estende sobre a praça matriz, a Praça Alfândega e a Praça XV de novembro onde se concentram os atrativos de interesse político, histórico e cultural. Esse valioso patrimônio um conjunto histórico de grande interesse arquitetônico e urbanístico. Além de conservar a lembrança do pequeno povoado que foi o início da grande cidade de hoje. Na atualidade se concentram neste setor museus com um rico legado artístico e cultural. Também templos de interesse religioso como a Catedral Metropolitana; cenários culturais como o Teatro São Pedro. A vida cultural é intensa: suas ruas, praças são o espaço onde se desenvolvem expressões artísticas e da tradição popular.

A influência da arquitetura alemã é significativa na cidade, e pode ser observada nas obras de José Lutzenberger, que imigrou para ao Rio Grande do Sul em 1920, e é o autor dos projetos dos prédios do Instituto Pão dos Pobres, da Igreja São José e do Palácio do Comércio; e de Theodor Wiederspahn, que imigrou em 1908, e foi o responsável pelo prédio da Delegacia Fiscal (hoje MARGS), dos Correios e Telégrafos (hoje Memorial do Rio Grande do Sul), do Banco da Província (hoje Santander Cultural), do Hotel Majestic (hoje Casa de Cultura Mario Quintana), do Edifício Chaves, do Cine Guarany, da antiga Cervejaria Bopp (depois, Cervejaria Brahma), da Central Telefônica Ganzo, do Edifício Ely (hoje Tumelero), da Faculdade de Medicina da UFRGS, do Bier e Ulmann, do Moinho Chaves e do Hospital Moinhos de Vento, entre e outros, todos localizados na zona central.

2.1 NÚCLEOS DA PRAÇA MATRIZ OU PRAÇA MARECHAL DEODORO



FIG 01- Caminho Praça Matriz

É a praça mais antiga da cidade, e o centro político do estado cercado de diversos prédios de importância histórica, política, religiosa e cultural. Como a Catedral Metropolitana de Porto Alegre; o Palácio Piratini, sede do Poder Executivo Estadual; o edifício da Assembléia Legislativa, o Palácio do Ministério Público e o Palácio da Justiça. Também estão localizado na praça o Theatro São Pedro e a Biblioteca Pública do Estado.

A praça se estabeleceu só até 1840 seu nome foi alterado para *Praça Dom Pedro II*, um Decreto Municipal em 1914 alterou o nome do logradouro para *Praça Marechal Deodoro*, que conserva até hoje. Nesse mesmo ano foi inaugurado o Monumento a Júlio de Castilhos, em homenagem ao estadista gaúcho Júlio de Castilhos criado pelo escultor Décio Villares. (Franco, 1988).

2.1.1 Palácio Farroupilha

É o prédio sede da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Sua construção foi iniciada em 1955, e foi viabilizada através de um convênio firmado entre a Assembléia Legislativa e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O prédio é um projeto do arquiteto paulista Gregório Zolko, vencedor de concurso nacional, que utilizou materiais nobres, como o mármore

e a madeira, e modernos, como o vidro e o alumínio. Na fachada da rua Duque de Caxias foi instalada uma grande série de painéis metálicos retratando cenas de temática gaúcha, de autoria do conhecido artista Vasco Prado, que também foi o autor de uma outra escultura colocada nos jardins que fazem frente à Praça. (Franco, 1988).

2.1.2 Palácio Piratini

Foi construído para substituir o antigo Palácio de Governo - que existia no mesmo local, e que havia sido edificado no ano de 1773. O novo foi incluído no Projeto Monumenta do Ministério da Cultura com apoio do BID e da UNESCO, voltado à revitalização de centros históricos do Brasil, considerado desde 1986 Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Em 1955, através de decreto do governador Ildo Meneghetti, foi outorgado o nome oficial de Palácio Piratini, uma homenagem a primeira capital da República Rio-Grandense durante o episódio da Revolução Farroupilha (1835-1845). A influência neoclássica é dominante, na fachada destacam-se duas esculturas de Paul Landowski, o criador da estátua do Cristo Redentor, símbolo do Rio de Janeiro. (Franco, 1988).

2.1.3 Theatro São Pedro



FIG 02-Theatro São Pedro

De estilo neoclássico foi inaugurado em 27 de junho de 1858, decorado em veludo e ouro, e com capacidade para 700 espectadores. Durante mais de cem anos, o Theatro São Pedro foi palco de alguns dos mais importantes espetáculos assistidos em Porto Alegre. Em 1973, o Theatro São Pedro foi

interditado por falta de condições técnicas. As obras de restauração iniciaram em 1975, sob a orientação de Eva Sopher, que na época dirigia o Instituto Proarte. A reinauguração aconteceu em agosto de 1984. Nove anos mais tarde a Fundação Theatro São Pedro procurou novos terrenos nas imediações, a fim de expandir o complexo Theatro São Pedro.

Em 1998 por concurso público foi selecionado o projeto dos arquitetos Marco Peres, Dalton Bernardes e Julio Ramos Collares para a construção do Multipalco, que continha teatro italiano, teatro oficina, concha acústica, sala para corpo de baile, sala para orquestra e sala de naipes, sala para entrevistas coletivas e reuniões, salas para ensaios, restaurante, praças, cafeteria e bar, lojas e estacionamento. (Franco, 1988).

2.1.4 Catedral Metropolitana



FIG 03-Catedral Metropolitana

A Catedral Metropolitana está intimamente relacionada com a origem da cidade na fundação da Paróquia Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre quando foi construída a primeira capela.

Em 1772, o vice-rei mandou que se demarcasse um terreno para a igreja. Foi um projeto em estilo barroco, sendo desconhecido seu autor. Desde 1841 a Irmandade do Santíssimo Sacramento, mesmo com o templo inacabado, já se queixava de suas dimensões acanhadas e condições degradadas, desejando erguer outra igreja maior. Em 1848, o Papa Pio IX,

pela bula *Ad Oves Dominicas Rite Pascendas*, criou a diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, designando na mesma Bula como catedral provisória a igreja Matriz de Nossa Senhora Madre de Deus. Em 1920 foram iniciadas as obras de terraplanagem e demolição da Matriz, sendo a cripta inaugurada em 1929. em 1986, que a catedral pôde ser consagrada e dada como concluída. Na fachada se destacam os mosaicos do frontispício e sua arquitetura forma atraentes padrões geométricos, intensificados pelos efeitos de iluminação interna. O altar-mor possui uma bela estátua barroca da Virgem com o Menino Jesus aos braços. (Vargas,2004)

2.1.5 Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul



FIG 04-Biblioteca Pública Estadual

Foi criada pela Lei Provincial nº 724, de 14 de março de 1871, que autorizou o gasto de até oito contos de réis para aquisição de livros,. Iniciou suas atividades em 1877, no antigo *Liceu*, na esquina das ruas Duque de Caxias e Marechal Floriano. Em 1895 já possuía um acervo de 8 mil volumes. (Franco, 1988).

O edifício atual, na esquina da Rua Riachuelo com General Câmara, começou a ser erguido em 1912, uma vez que a antiga sede, na época transformada em *Escola Complementar*, se encontrava já superlotada. A primeira etapa da construção foi concluída em 1915, completando o bloco defronte à Rua Riachuelo. Em 1919 foi contratada a ampliação da parte dos fundos, acabada em sua estrutura em 1921 e finalmente inaugurada em 1922. A decoração foi feita seguindo preceitos Positivistas. Sua fachada, em estilo

eclético, mostra uma das mais completas ilustrações do Calendário Positivista, com bustos de seus mais insignes vultos tutelares, constituindo um dos três únicos monumentos deste tipo no mundo. (Franco, 1988).

2.1.6 Monumento a Júlio de Castilhos



FIG 05- Monumento a Julho de Castilhos

O monumento foi um homenagem ao estadista gaúcho Júlio de Castilhos, construída em 24 de outubro de 1903, sendo o projeto de autoria escultor Décio Villares. O obra contém alegorias que engrandecem a organização política, da qual resultou a constituição de 1891.

Os grupos de estátuas se distribuem em torno de um núcleo piramidal, destacando-se, no obelisco central, a figura triunfante e dinâmica da *República*, com a chama da nova ordem social em uma das mãos e o código da lei nova na outra. Repousa sobre uma esfera, com estrelas representando os estados brasileiros, além da divisa *Ordem e Progresso*. À sua direita posta-se a *Firmeza* ou *Constância*, um guerreiroarmadura, em atitude altiva e inabalável, com uma pele de leão estendida às costas em clara alusão ao Hércules mitológico. Ele segura ainda três chaves de significado pouco claro, mas talvez representativas dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) Acima,

abraçando a bandeira nacional, está à imagem esvoaçante do *Civismo*. (Doberstein, 1992)

2.2. NÚCLEO DA PRAÇA DE ALFÂNDEGA



FIG 06- Praça de Alfândega

Sua origem data de fins do século XVIII, surgindo no local onde era o antigo porto fluvial da cidade. Em 1783 os vereadores determinaram que se construísse um cais de pedra junto ao rio para facilitar o desembarque de passageiros e mercadorias. Em 1804 o Governador da Província, Paulo da Gama, ordenou que se ampliasse o ancoradouro com a construção de um trapiche, que foi considerado uma obra notável por suas dimensões, com 24 pilares de cantaria adentrando o leito fluvial, e que possibilitava o desembarque de iates de grande e pequeno porte. Nesta praça se ajuntavam comerciantes e quitandeiros. (Franco, 1988).

A praça uma das mais tradicionais da cidade possui diversos monumentos e esculturas que a rodeiam, dentro deles estão o prédio do Museu da Arte do Rio Grande do Sul, do Memorial do Rio Grande do Sul, do Santander Cultural da Casa de Cultura Mario Quintana e, a esculturas de Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade, Monumento ao Barão do Rio Branco, o Monumento ao General Osório, as hermas dedicadas a Antônio Carlos Lopes, a Caldas Júnior, a Leonardo Truda e ao Barão de Santo Ângelo. (Franco, 1988).

2.2.1 Museu de Artes do Rio Grande do Sul – MARGS



FIG 07- MARGS

Localiza-se na Praça da Alfândega. O antigo prédio dos Correios e Telégrafos é um dos mais belos e importantes edifícios históricos de Porto Alegre. A sua construção foi iniciada em 1910 e concluída em 1913. O edifício segue um estilo eclético, com forte influência do barroco alemão, e tem uma fachada movimentada com um pórtico em projeção, uma grande torre de relógio à esquerda, e cúpulas de metal nos cantos, além de profusa ornamentação em motivos florais e abstratos, e algumas esculturas, onde se destaca o grupo de Atlas acima do frontão, ladeado por imagens representando a Europa e a América. Outros grupos complementam a ornamentação da fachada. (Franco, 1988).

Em 1996, um convênio entre o governo federal e o governo estadual, se assinou o acordo de cedência do prédio, para criação de um *Museu Postal* e uma *Agência Filatélica* e um museu que contém a história do estado, com uma coleção de objetos, mapas, gravuras, fotos, livros e depoimentos importantes sobre os fatos mais marcantes ocorridos no Rio Grande do Sul. (Franco, 1988).

Em 1998, passou por um processo de restauração, objetivando recuperar suas características originais e adequá-lo para a instalação do Memorial do Rio Grande do Sul. Os 3.500 m² de fachadas receberam tratamento especial, e

internamente recebeu climatização nas áreas destinadas ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e às *Salas do Tesouro*. Os pátios internos receberam clarabóias e elevadores para permitir uma maior integração com as outras áreas, e o terraço foi liberado de acréscimos espúrios posteriores (Franco, 1988).

2.2.2 Santander Cultural



FIG 08- Santander Cultural

A construção do prédio foi iniciada em 1927 e concluída em 1931. O prédio possui aproximadamente 5.600 m² de área construída. Tem uma arquitetura eclética, com predominância de elementos neoclássicos. Sua planta é retangular, com cinco pavimentos mais um subsolo, e as fachadas se elevam sobre uma base de granito e são revestidas por cirex (massa raspada e mica), com decoração escultural e ornamental requintada. Tem grandes colunas lisas de capitéis coríntios. (Franco, 1988).

No interior existe um grande salão central iluminado por uma clarabóia com magníficos vitrais de origem francesa, cercada por imponentes colunas e balaustradas.

O antigo edifício, que já serviu de sede dos bancos da Província, Nacional do Comércio, Sul Brasileiro e Meridional, e hoje é administrado pelo Santander, foi restaurado e adaptado para ser um moderno centro de arte e

cultura. O projeto de restauro manteve e recuperou ao seu esplendor original os grandes espaços, a ornamentação suntuosa, os ricos vitrais e mármore, que hoje mantêm diálogo marcante e mutuamente benéfico com as muitas exposições de arte contemporânea, shows de música popular e eventos diversos que acontecem ali. (Franco, 1988).

A principal intervenção foi à criação de um átrio no antigo poço de iluminação dos vitrais, possibilitando apreciá-los pela primeira vez em uma perspectiva de cima para baixo. No andar térreo e no segundo piso organizou-se o espaço para abrigar exposições, e no subsolo os antigos cofres foram transformados em sala de cinema, café e restaurantes. Já abrigou exposições importantes na cidade, como as dos pintores Miró e Pablo Picasso, a retrospectiva de Vera Chaves Barcellos, e também tem servido como um dos espaços da Bienal do MERCOSUL. (Franco, 1988).

2.2.3. Casa de Cultura Mario Quintana



FIG 09- Casa de Cultura Mario Quintana

Sua construção começou em 1916 e concluiu-se em 1933, uma obra do arquiteto alemão Theodor Wiederspahn. Originalmente foi um hotel, chamado Hotel Majestic. Além disso, foi o primeiro grande edifício de Porto Alegre que utilizou concreto armado. Entre os hóspedes se encontram políticos, artistas

como Mário Quintana um dos maiores poetas brasileiros, que viveu no hotel entre 1968 e 1982, no apartamento 217. foi tombado em 1990, sendo então adaptado para tornar-se o grande centro cultural que é hoje. (Franco, 1988).

2.3 NÚCLEOS DA PRAÇA XV DE NOVEMBRO



FIG 10- Praça XV de Novembro

Em 1820 tornou-se como ponto de comércio ambulante, com quitandas, bancas de peixe e outros mercados. Em 1844 foi construído o primeiro Mercado público. Mas a construção definitiva da praça só se daria em 1869 quando o primeiro mercado foi demolido e transferido mais adiante sendo chamada como *Praça Conde D'Eu*. a Praça foi usada como local de montagem de circos, sendo que o *Circo Universal* funcionou ali em um barracão de madeira até 1878. Se apresentou a proposta de um vereador de ajardinar e calçar a praça e instalar nela um chalé para venda de refrescos e um coreto para apresentações da Banda Municipal projeto aprovado em 1879. (Franco, 1988).

A Praça foi finalmente inaugurada em 1882 e em 1885 foi erguido o primeiro chalé para venda de sorvetes, e em 1889 sua denominação foi novamente mudada para, *Praça XV de Novembro*.

A praça possui importantes monumentos que a rodeia como o Mercado Público, o Largo Glênio Peres, o Chalé da praça XV, Fonte Talavera de la Reina e o prédio da Prefeitura Municipal.

2.3.1. Largo Glênio Peres

É um espaço público, localizado no centro da cidade, em frente ao mercado público e à Praça XV de Novembro. Inaugurado em 1992 O nome do espaço é uma homenagem a Glênio Peres, jornalista, compositor, poeta, vereador na capital por vinte anos e vice-prefeito, e falecido em 1988. No local acontecem manifestações artístico-culturais e políticas. A pavimentação de 6.309 metros quadrados resgata o desenho que, na década de 1930, existia em frente ao prédio da prefeitura. O desenho é semelhante a um tapete persa, composto por lajotas em basalto cinza e pedras portuguesas, nas cores preto, branco e rosa. (Franco, 1988).

2.3.2. Mercado Público Municipal



FIG 11- Mercado Público

O prédio foi feito para abrigar o comércio de abastecimento da cidade. Inaugurado em 1869 suportou três incêndios e a ameaça de ser demolido para a construção de uma avenida. Tombado Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre (Lei 4.317/77). Passou entre 1990 e 1997 pelo processo de restauração, agregando mais qualidade a sua estrutura e recuperando a concepção arquitetônica original de estilo neoclássico. O objetivo do projeto de Restauração procurava o resgate da qualidade estética da edificação à otimização de seu potencial de abastecimento e a valorização dos espaços de sociabilidade. (Franco, 1988).

A reforma recuperou a percepção visual das arcadas, resgatou as circulações internas, criou novos espaços de convivência e implantou redes de infra-estrutura compatíveis com o funcionamento do Mercado. Foi construída uma nova cobertura que possibilitou a integração entre o térreo e o 2º Pavimento.

2.3.3 Chalé da Praça XV



FIG 12- Chalé da Praça XV

O primeiro Chalé foi inaugurado em 1885, como um quiosque para venda de sorvetes. Foi reformado em 1909 e 1911, e novamente em 1971, após um incêndio. Entrando em processo de degradação, o contrato com o permissionário foi revogado, e em 25 de junho de 1998, o Chalé foi tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal, mantendo, contudo sua função de restaurante. Constitui uma área de encontros e lazer bastante freqüentada no centro da cidade, graças principalmente à sua localização, às árvores a seu redor, à sua culinária e à música ao vivo. Conta ainda com um cyber café no seu interior. (Franco, 1988).

Construído com elementos desmontáveis de aço, madeira e vidro, seu projeto segue um esquema radiocêntrico. Seu estilo é eclético, e revela a preferência pelo *pitoresco* da época de sua construção. Encontram-se elementos da *Art Nouveau* na decoração, principalmente no gradeamento metálico que cerca a área ao ar livre em torno e fecha o terraço. Os pilares e decorações metálicas, mais os painéis modulares de madeira e vidro que compõem a fachada, são testemunho das inovações tecnológicas ocorridas na virada do século XX e que influenciaram estilos arquitetônicos.

O pequeno prédio tem dois pavimentos em planta octogonal, mais subsolo e mezanino. O térreo é composto pelo salão principal do restaurante, mais uma sala anexa para cozinha e apoio, e o pequeno mezanino. O piso tem ladrilhos hidráulicos em motivos geométricos. O piso superior, por onde se sobe através de uma escada metálica móvel, mostra uma saleta menor também octogonal, com telhado em várias águas ornamentado com lambrequins, sendo rodeada de um terraço com grades como parapeito lambe.

2.4 PRAÇA MONTEVIDÉU

É um logradouro da cidade localizado, entre as ruas Sete de Setembro e Uruguai e o final da avenida Borges de Medeiros, estando defronte ao Paço Municipal.

Sua consolidação como logradouro só se deu em 1855, mas o espaço permaneceria sem urbanização ainda por sessenta anos. Em 1901, em seu limite norte, foi erguido o Paço Municipal, quando seu nome foi definido como *Praça Municipal*. O ajardinamento da praça, em 1927, o Intendente Otávio Rocha, que mandou criar um canteiro verde em forma de elipse no centro. Em 1935, no centenário da Revolução Farroupilha, o canteiro recebeu uma fonte doada pela colônia espanhola, sendo o nome do logradouro mudado para *Praça Montevideú*. (Franco, 1988).

2.4.1 Prefeitura Municipal de Porto Alegre



FIG 13- Prefeitura Municipal

Sua construção teve início em 1898; em estilo neoclássico. A importância histórica desta edificação mostra, nas formas e na estatutária, a influência da doutrina positivista.

2.4.2. Fonte Talavera de la Reina.



FIG 14- Fonte Talavera de La Reina

Encontra-se frente ao prédio da prefeitura, na Praça Montevideu, e foi um presente da Espanha em 1935, por ocasião da comemoração do centenário da Revolução Farroupilha. A idéia de fazer uma homenagem com um chafariz, do povo espanhol para Porto Alegre, partiu do professor e escultor Fernando Corona. A intenção era ornamentar a cidade com algo que traduzisse o espírito clássico da Espanha. Desenhada por Corona, a obra foi executada pelo mais afamado ceramista talaverano, Juan Ruiz de Luna. (Franco, 1988).

Para trazer o material da Espanha, o embaixador espanhol no Brasil, D. Vicente Salles, conseguiu transporte gratuito. O então presidente Getúlio Vargas concedeu isenção de impostos de importação, enquanto que o governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, facilitou o transporte das peças pelo interior do estado. O local de construção foi concedido pelo prefeito Alberto Bins. (Franco, 1988).

A fonte é recoberta de azulejos espanhóis nas cores azul-cobalto e amarelo-ocre e originalmente apresentava uma grande bacia dupla inferior em forma de decágono e uma bacia redonda também dupla ao centro, situada sobre um pedestal com quatro golfinhos. Ali também existe um painel que traz a inscrição: *-LA COLONIA ESPAÑOLA; - AL GLORIOSO PUEBLO; - RIOGRANDENSE; - EN SU CENTENARIO; - FARROUPILHA; - 1835 1935.*

Nestas quatro praças concentram-se o maior número de monumentos e esculturas que compõem o Centro Histórico. Alguns deles, principalmente as esculturas, têm sido vandalizados infelizmente, tendo partes de bronze roubadas ou sendo repetidamente pichados.

Giulio Carlo Argan (2004) fala sobre o que pode acontecer a uma sociedade que não valoriza a história e vê seus objetos de arte como fragmentos do passado e fora de um contexto atual, o que, segundo ele, faz com que se considere apenas como obras de arte aquilo que está dentro dos museus, o que conseqüentemente contribui para que cada vez mais os fatos urbanos não sejam vistos como fatos artísticos.

3. MINHAS IMPRESÕES

Depois de chegar a morar numa nova cidade (Porto Alegre) distinta do que eu conhecia e do que eu tinha em meu imaginário, começaram a surgir muitas interrogações e comparações. Achei interessante resolver as incógnitas e descobrir esse novo mundo que se abriu para mim, que despertou em meus sentidos outros efeitos que comecei a associar depois de fazer longas caminhadas pela cidade que se alardeava ante meus olhos com beleza e imponência, passeando na captura de instantes, cheiros, faces, cores, e o sentir da estética da cidade percebida pelos sentidos, pela visão, pelo ouvido, pelo tato, pelo olfato e pelo gosto.

Várias coisas chamaram minha atenção. A primeira delas foi às características da arquitetura porto alegreense com influência européia que se observa nas grandes construções decoradas com figuras da natureza ou com figuras de homens que dão a impressão de imponência. A beleza do Theatro São Pedro, a imponência da Cúpula da Catedral que conversa harmoniosamente com os três poderes, a vista do terraço da casa Mário Quintana na que se observa a cidade junto com o rio Guaíba, um panorama mágico que desperta o interesse não somente de quem vai de passeio pela cidade, mas de quem mora nela.

A segunda coisa que chama minha atenção e que causa a maior confusão foi localizar um lugar seguindo um endereço, onde as ruas têm um nome de um herói, de uma data, de uma batalha. Cidades como Bogotá na Colômbia estão divididas por ruas enumeradas em ordem ascendente de sul a

norte e de oriente a ocidente. Assim, qualquer pessoa pode transitar e situar-se na cidade sem medo de se perder. Em Porto Alegre é preciso levar mapa da cidade e memorizar os nomes das principais ruas.

A terceira coisa que despertou meu interesse é como os prédios que compõem o centro histórico têm sido protegidos, e restaurados sendo agora utilizados como centros culturais que permitem a interação entre o público e o monumento cultural, permitindo que o centro histórico seja atraente, que tenha movimento e que conviva com as construções modernas. A Praça Marechal Deodoro contém os prédios onde se desenvolve o poder político; os prédios da praça da alfândega desenvolvem a função cultural da cidade que contém os museus a casa de cultura e onde acontece a feira do livro. A praça XV de novembro movimentava parte do comércio em prédios considerados patrimônio cultural como o mercado público.

A última coisa que chamou minha atenção foi à importância que o porto alegreense dá ao rio Guaíba, e tanta é sua importância que a cidade leva o nome de porto alegre pelo desenvolvimento do porto e a posição estratégica à beira do rio desde o século XVIII; esse porto que foi a porta de entrada do comércio. Hoje ele se encontra cercado e fechado da vista do público e não tem conexão imediata e movimento cultural com o centro histórico.

4. O QUE PENSAM OS PORTO-ALEGRENSES?

Após seguir o método do transeunte e de fazer comparações sobre o que eu como estrangeira estava acostumada a olhar pensei se os porto-alegrenses conheciam sua história ou se levados por sua cotidianidade transitavam pelas ruas sem olhar o entorno e ignoravam muito da história que os prédios, as ruas e praças contam e de que hoje são testemunhas.

Esses monumentos localizados no centro histórico cobram significado pela beleza, arquitetônica e pela história que contam é ali onde terminam tornando obras de arte que se estabelecem na paisagem urbana, construindo um lugar estético onde se constroem interações de caráter social, cultural e político.

Segundo os interesses dos pedestres, foi assim como plantei três categorias, no questionamento baseado nestes pressupostos e destinados a ordenar as opiniões das pessoas, questionadas com nove perguntas de caráter aberto, permitindo deixar ao sujeito a liberdade de expressão, contando com uma mostra de 50 pessoas (ver anexo).

As categorias são as seguintes: A Social corresponde à importância do vínculo que as pessoas têm com a cidade. A cultural diz respeito ao uso que as pessoas dão aos monumentos públicos, praças e parques do centro histórico da cidade.

A categoria estética é o valor que as pessoas dão aos elementos que compõem o centro histórico. Na Categoria social, 63% dos interrogados falam

que quando caminham pelo centro da cidade, o fazem só pela necessidade, os outros 30% caminham pelo prazer e 7% caminha por obrigação.

Já 64% acham que o centro histórico esta bem organizado, porém 36% preferem não visitá-lo pela desorganização. Em relação à segurança, 54% acreditam que não passeia pelo centro por não haver segurança suficiente, preferindo ir a shoppings e os outros 46% gostam de passear pelo centro e assistir a atividades dos museus.

Na categoria cultural sobre que chama atenção dos interrogados quando caminha pelo centro, 34% respondeu que olha as pessoas, 25% olham os prédios, 17% olham as esculturas e os monumentos, 16% o barulho e 8% responderam outra.

Para o porto-alegrense a praça mais importante que compõe o centro histórico e a praça de alfândega com 68% a Praça Marechal Deodoro 17% e a praça XV de novembro 15%.

No aspecto estético se questiona sobre os lugares representativos do centro histórico pela arquitetura, pela história ou pelo conjunto. A esta contestarem um 38% dos questionados que o mercado público, 20% o teatro São Pedro, 20% o MARGS, 8% a Catedral Metropolitana, 8% o Largo Glênio Peres e 6% respondeu a outros como o Palácio Piratini, monumento a Julio de Castilhos, palácio Farroupilha.

As respostas mais comuns dos questionados sobre a importância das praças do centro histórico.

Praça Marechal Deodoro

- *“essa é a mais importante porque está localizada entre os três poderes”;*
- *“pela arquitetura”;*
- *“porque é a mais bonita”.*

Praça de Alfândega

- *“pela historia e prédios em seu entorno”;*
- *“É perto dos museus principais da cidade”;*

- *“é onde ocorre a feira do livro”;*
- *“local de encontros, apresentações culturais e eventos da cidade”;*
- *“Têm os museus e passagem para os caminhantes”.*

Praça XV de novembro

- *“pelo movimento cultural e econômico”;*
- *“pelos atos culturais que acontecem neste lugar”;*
- *“porque está próxima a o mercado público e aos principais terminais de ônibus.”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi nessas caminhadas em meu andar solto pelas ruas, olhando as pessoas, os prédios, observando tudo a meu redor, fazendo o exercício que propõe Walter Benjamin de *flanar* pelas ruas onde dei início a minha pesquisa. Primeiro conhecendo e fazendo minhas próprias perguntas e tentando resolvê-las, e depois fazendo uma exploração da história da cidade, dos monumentos, das esculturas e de tudo aquilo que envolve os lugares públicos com a população.

Foi ali onde comecei a interrogar ao porto alegreense sobre o que conhecia e desconhecia da sua cidade, descobrindo que mesmo que ele achava muitos espaços e monumentos muito familiares, e gostava do centro porque, por exemplo, “traziam lembranças”; também caminhava por ali entre a rotina e a desconfiança, e que em alguns casos da mostra, desconhecia a história dos locais. Foi ali nesse momento, onde fiz o trabalho prático, de tentar que o cidadão faça o exercício de caminhar pelas ruas, observando o que achasse ao seu redor, de re-conhecer sua cidade. Fazer essa *flânerie* como se faz nos shopping, onde as pessoas caminham sem pressa, perdidas ao olhar as vitrines, isoladas em si mesmas, escolhendo um objeto que lhes satisfaça.

O centro histórico como museu deve expressar, sua própria e completa identidade, que permita o diálogo entre as construções antigas com as modernas, assim poderá manter um equilíbrio e a constante conservação e restauração do conjunto que possa oferecer uma imagem atraente a população, sem desvirtuar seu ambiente natural e social.

Outra das coisas que é preciso considerar e que foi resultado do questionário usado na pesquisa, é a necessidade de que a Prefeitura instale informações sobre dados históricos e arquitetônicos nos monumentos e sítios turísticos, que dê a importância ao lugar para que não se converta em um ponto de referência sem conotação estética e histórica. Mas si se considera que Porto Alegre é uma das principais cidades do Brasil e do MERCOSUL.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. *Historia da Arte como Historia da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Canevacci, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo. Folha de São Paulo, 2003.

DOBERSTEIN, Arnold Walter. *Estatuária e Ideologia: Porto Alegre 1900-1920*. Porto Alegre: SMC, 1992.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia Histórico de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS) / Prefeitura Municipal, 1988.

ORTIZ, Renato. Walter Benjamin e Paris - individualidade e trabalho intelectual. *Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo*, 12(1): 11-28, maio de 2000.

PREFEITURA DE PORTOALEGRE. Disponível em:
<http://www.portoalegre.rs.gov.br/> acesso em: janeiro 2009.

SPALDING, Walter. *Pequena historia de Porto Alegre*. Porto Alegre. Sulina, 1975.

VARGAS, Élvio (editor). *Torres da Província: História e Iconografia das Igrejas de Porto Alegre*. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

ANEXOS

Registro técnico: Os dados e resultados individuais desta pesquisa serão usados para a elaboração da monografia em Pedagogia da Arte da Faculdade de educação na UFRGS pela aluna Angélica Alarcón Torres; estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada/observada. De acordo,_____.

Entrevista No _____

Data: _____

Hora: _____

1. Mora _____ o trabalha _____ em Porto Alegre
2. Caminha Pelo centro da cidade: Poucas vezes _____ Frequentemente _____ Quase nunca _____ Nunca _____
3. Quando caminha pelo centro o faz: Pelo Prazer _____ Pela necessidade _____ Pela obrigação _____
4. Quando caminha pelo centro da cidade o quê chama sua atenção:
As pessoas _____ Os Prédios _____ As esculturas _____ O barulho _____ Outra _____ Qual _____
5. Qual das seguintes praças acredita que é a mais importante? Por quê?
Praça Marechal Deodoro _____ Praça da Alfândega _____ Praça XV de Novembro e Montevideu _____
Outra? _____ Qual? _____

Por quê? _____

6. Qual é o lugar que você mais gosta de Porto Alegre (Ruas, praças, parques, esculturas, monumentos)
Por quê? _____

7. Qual dos seguintes locais acha que é dos mais representativos dos Porto Alegrenses? Por quê?

Monumento Julho de Castilhos _____ Catedral Metropolitana _____ Palácio Piratini _____

Palácio Farroupilha _____

Teatro São Pedro _____ Biblioteca Pública Estadual _____ Museu de Artes do RS MARGS _____

Correios e Telégrafos _____

Banco Meridional _____ Banco Safra _____ Clube do Comercio _____ Mercado Público

Largo Glênio Peres _____

Chalé da Praça (Prefeitura de Porto Alegre) _____ Fonte Talavera de La Reina

_____ Outra _____

Por quê? _____

9. Acredita que o centro de Porto Alegre esta bem organizado? Sim _____ Não _____

10. Que gostaria achar no centro de Porto Alegre? Restaurantes

_____ Bancos _____ shopping _____ bibliotecas _____

Museus _____ Lugares de lazer _____ Monumentos _____ Dados históricos sobre os prédios e
as ruas _____

Observações _____
